



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

JÉSSYCA MILENA FERREIRA AYRES

GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

CAMPINA GRANDE

2017

JÉSSYCA MILENA FERREIRA AYRES

GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de graduada em Pedagogia.

Área de concentração: Ciências Humanas.

Área: Pedagogia.

Orientadora: Prof. Dr^a. Margareth Maria Melo

**CAMPINA GRANDE
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A985g Ayres, Jessyca Milena Ferreira.
Gênero e diversidade sexual na educação infantil
[manuscrito] : / Jessyca Milena Ferreira Ayres. - 2017.
32 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2017.

"Orientação : Prof. Dr. Margareth Maria Melo,
Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."

1. Identidade de gênero. 2. Educação infantil. 3.
Ludicidade.

21. ed. CDD 372.372

GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

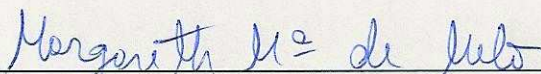
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de Graduada em Pedagogia.

Área de concentração: Ciências Humanas.

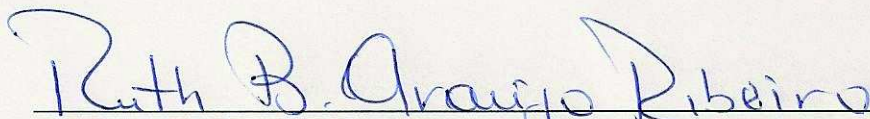
Área: Pedagogia.

Aprovada em: 07/12/2017.

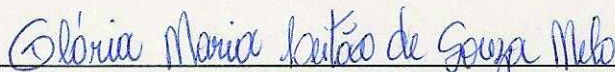
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Margareth Maria Melo (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a Me.^a Ruth Barbosa de Araújo Ribeiro (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a Dr.^a Glória Maria Leitão de Souza Melo (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus pais, pela dedicação, companheirismo e amizade.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado saúde e força para enfrentar todos os desafios, Ele quem permitiu que se tornasse possível a realização desse sonho.

À minha mãe, Paula Frassinetti, Cardoso Ferreira Ayres, meu pai Antônio Coelho Ayres que me incentivaram e mesmo sendo pessoas simples me proporcionaram os estudos onde me levou a chegar à universidade. As minhas irmãs que são minhas companheiras Jullyeth Shênia Ferreira Ayres e Barbara Brena Ferreira Ayres .

Ao meu querido amigo, noivo, Wemison da Silva Nepomucena, que esteve ao meu lado em toda caminhada, me incentivando e ajudando nas minhas dificuldades. Aos meus sogros Edmilson da Silva e Severina da Silva a quem agradeço pela hospitalidade nas minhas idas a Campina Grande.

Às minhas primas Samara Dayse da Luz Ayres e Tamyres Dysa da Luz Ayres que são como irmãs que estão ao meu lado compartilhando todos os momentos da minha vida.

À minha amiga Andreza das Neves Rodrigues que Deus me presenteou com sua amizade, que de minha professora de português se tornou uma das pessoas mais importantes da minha vida.

À Universidade Estadual da Paraíba, espaço onde adquiri todo conhecimento que hoje tenho. A todos os professores que contribuíram para meu aprendizado, em especial, a minha orientadora Prof.^a Margareth Maria Melo, pela orientação, apoio e confiança.

E por fim, os amigos que conquistei nessa universidade, em especial, Jaisna Luara dos Santos Carvalho, madrinha, amiga, alguém que vou levar pra vida toda. Dividimos lágrimas, sorrisos e sonhos, nossa relação vai além da sala de aula e Viviana a quem admiro pela sua atenção, estando sempre prontamente para ajudar.

Senhor! Senhor! Tornou a gritar, ao concluir os seus pensamentos, “devo, então, começar a respeitar a opinião do outro sexo, embora me pareça monstruosa? Se uso saias, se não posso nadar, se tenho de ser salva por um marinheiro Deus meu!”, gritou “que hei de fazer?” E com isso entristeceu.

Virginia Woolf, Orlando.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	REFLEXÕES SOBRE GÊNERO, SEXUALIDADE E IDENTIDADE.....	09
3	CONSTRUÇÃO SOCIAL DA IDENTIDADE DE GÊNERO.....	12
4	AFIRMAÇÃO DE IDENTIDADE PARA ALÉM DA QUESTÃO HOMEM-MULHER SOB A ÓTICA LÚDICA.....	17
5	O DESAFIO DA DOCÊNCIA NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE DE GÊNERO.....	22
	REFERÊNCIAS	30
	ANEXO	33

GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Jéssyca Ayres *

RESUMO: O presente artigo se propõe a analisar como a temática de Gênero e Sexualidade vem sendo abordada na Educação Infantil, a partir do relato de minha experiência, desenvolvida numa escola particular, localizada na cidade de Alagoa Grande/PB que atende apenas a Educação Infantil. A turma que lecionava era o Pré II (alunos/as entre 5 e 6 anos) no ano de 2016. A partir das minhas lembranças do que observei e desenvolvi em sala de aula, buscarei refletir sobre os conflitos e as diferenciações das brincadeiras de crianças que se estabeleceram na comunidade escolar. A discussão trará alguns conceitos sobre gênero, sexualidade, identidade e a construção social da identidade de gênero para uma melhor compreensão sobre o tema e sua importância para quebrar alguns paradigmas que se permeiam no cotidiano escolar. Abordaremos a importância da inserção de gênero e sexualidade na formação dos professores (as) trazendo minhas experiências do dia a dia no âmbito escolar. Pois, percebe-se que diante do contexto sócio-histórico é preciso repensar no que produz certas relações de poder e como essas relações influenciam na construção das identidades de gênero. Por isso, é de suma importância e responsabilidade que o professor (a) repense sua prática, no sentido, de eliminar qualquer tipo de estereótipos, para que o aluno (a) compreenda que cada um (a) tem sua especificidade e precisa ser respeitada, contribuindo, assim, para uma sociedade mais igualitária.

Palavras-Chave: Identidade de gênero. Educação Infantil. Brincadeiras.

1 INTRODUÇÃO

Promover discussões e ações pautadas na igualdade de gênero, e no que diz respeito à diversidade sexual dentro do âmbito escolar representa um grande avanço para a desconstrução de alguns rótulos. As normas sociais prescrevem posturas que são carregadas de ideias e valores do que de fato deveria ser o homem e a mulher. Pensando nas relações de gêneros e na oportunidade de formação cultural, humana e cidadã para as crianças, têm-se a necessidade de um espaço mais político de vivência de direitos humanos na Educação Infantil.

Neste estudo, o objetivo geral é analisar como a temática de Gênero e Diversidade Sexual vem sendo tratada na Educação Infantil. Os objetivos específicos são: verificar à luz dos referenciais teóricos quais são os mecanismos de

* Graduada do curso de Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba – Campus I. E-mail para contato: jessyca.f.ayres@gmail.com

controle sobre gênero utilizados entre professores e professoras que atuam na Educação Infantil; identificar à luz de estudiosos (as) a relevância sobre as questões de gênero e sexualidade sob a ótica das brincadeiras presentes no ambiente da Educação Infantil. E refletir sobre os conteúdos pedagógicos que possibilitam a vivência das questões de gênero no cotidiano da Educação Infantil.

Nesta direção, este trabalho traz um relato de experiência desenvolvida numa escola particular que atende a Educação Infantil: Maternalzinho, Maternal, Pré I, Pré II e o 1º ano. Com turmas entre 12 e 15 alunos, funcionando no período da manhã e da tarde. Localizada no centro da cidade em Alagoa Grande/ PB com a clientela de classe média. A turma que lecionava era o Pré II (alunos/as entre 5 e 6 anos), sendo 8 meninas e 6 meninos no ano de 2016. A sala era grande, tinha um espaço para o canto da leitura, espaço para expor as atividades, armários onde ficava os materiais dos alunos e a sala era organizada em fileiras. A partir das aulas da Professora Margareth Maria Melo no componente curricular Diversidade, Inclusão Social e Educação que presenciei na graduação as discussões a respeito do tema Gênero. Então fui refletindo tudo o que acontecia dentro do ambiente educacional desde o ano que entrei na escola em 2012, mas só na turma de 2016 que iniciei na minha prática pedagógica as questões de gênero. Nesse trabalho vou relatar as experiências vividas durante o período de fevereiro a dezembro, nos diversos espaços da escola.

Para melhor aprofundamento, o texto apresentará discussões acerca do objeto do estudo. Alguns dos interlocutores dessa discussão foram: Guacira Lopes Louro (1997, 2000, 2011); Tomaz Tadeu Silva (1998); Michel Foucault (1987, 1988, 2004), Stuart Hall (2011), Dagmar Meyer (2008), Joan Wallach Scott (1994/1995), Bujes (2004), dentre outros/as.

Escolhi esse tema, pois percebia que no âmbito escolar onde lecionei, os profissionais que ali atuavam não compreendiam sobre as questões de gênero e nossa importância enquanto educadoras na formação do cidadão (ã). Então, senti a necessidade de promover um ambiente onde o (a) aluno (a) entendesse as diferenças e respeitasse a individualidade de cada um (a). Esse artigo destaca a necessidade da temática de gênero ser trabalhada na Educação Infantil, pois se esse tema fosse mais discutido na escola, as professoras, os pais e as crianças teriam oportunidade de entender e evitar a separação, submissão e opressão que estão determinados pela sociedade.

A seguir veremos algumas reflexões teóricas sobre gênero, sexualidade e identidade, bem como se constrói socialmente a identidade de gênero e como a escola tem o papel importante para discutir as temáticas ligadas ao gênero e sexualidade. Traremos, também, a temática de gênero sob a ótica lúdica relatando minhas experiências na prática pedagógica e, por fim, os desafios da docência neste processo.

2 REFLEXÕES SOBRE GÊNERO, SEXUALIDADE E IDENTIDADE

Nesse tópico veremos alguns conceitos sobre Gênero, Sexualidade e Identidade para alguns teóricos. Para Hall (2011) alguns fatores contribuem para o processo de discussão e (re) organização do conceito de gênero, portanto, um caminho para repensar seus conceitos de maneira mais crítica, educativa e contextualizada, é entender que gênero é a construção social do sexo.

Para Louro (2011, p 22) “O conceito [de gênero] passa a ser usado, então, com um forte apelo relacional – já que é no âmbito das relações sociais que se constroem os gêneros.” Percebe-se que apesar do contexto histórico que cada sociedade está inserida, o indivíduo não possui uma essência e, sim, está condicionado a um processo interno e externo de transformação. Ou seja, as compreensões sobre o ser homem e mulher, nos mais variados espaços sociais são múltiplas, principalmente, ao se considerar a diversidade de grupos.

Joan Scott (1995), clássica na teorização do gênero, que inspira os estudos de Louro, define a citada categoria dizendo que:

Minha definição de gênero tem duas partes e dois subconjuntos, que estão inter-relacionados, mas devem ser analiticamente diferenciados. O núcleo definição repousa numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações entre os sexos. (SCOTT, 1995, p.86)

Nesta visão, o gênero é construído nas relações sociais e ele dar significado as relações entre os sexos. Por outro lado, as sociedades são construídas através de valores que nem sempre buscam enfatizar e garantir o direito de todas as pessoas. É necessário aprender a respeitar as expressões de diversidade de gênero

existente na sociedade. No âmbito escolar é preciso incentivar a circulação e produção de conteúdos não discriminatórios e desconstruir a oposição binária entre os sexos, numa tentativa de abrir a possibilidade de compreensão e inclusão de diferentes formas de masculinidades e feminilidades presentes na humanidade e comumente apontados/as como um desvio do padrão pré-estabelecido como normal.

Outro aspecto que urge ser mais tratado na escola é a sexualidade, especialmente a partir das curiosidades e indagações das crianças e adolescentes.

A sexualidade se apresenta na vida das pessoas de maneira única. Associa-se a ideias e sensações de amor, prazer, afetividade e autoestima, porém é tratada como um assunto proibido e constrangedor, desenvolvendo-se assim pouca afinidade com a sua própria sexualidade (MANGOLD et al, 2008, p. 04).

Atualmente, ainda se percebe uma grande hesitação ao falar sobre o tema sexualidade dentro do ambiente escolar, mas apesar das dificuldades houve um simbólico avanço no que reporta o tema.

Jeffrey Weeks (1993, p. 6) afirma: “a sexualidade tem tanto a ver com as palavras, as imagens, ritual e fantasia como com o corpo.” Observa-se que os sujeitos podem ter múltiplas sexualidades, isso acontece porque se entende que cada um possui em seus componentes processos naturais que instauram saberes e possibilitam enxergar as diversidades.

Segundo Louro (2000, p.28) “sexualidade é uma descrição geral para série de crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídas e historicamente modeladas.” Pode-se entender que as atitudes em relação ao corpo e sexualidade são atribuídas num momento particular, compreendendo as varias formas de se relacionar socialmente.

Assim, entendo que gênero se dar pelas relações com o outro e na construção social e cultural. O individuo não nasce com um gênero definido, é um processo de construção. O gênero trata das diferentes formas que são resultados dessa construção do ser. E a sexualidade se dar no desenvolvimento do ser humano em todas as fases da vida e podendo variar a qualquer momento, estabelecendo relações significativas de prazer, amor, afeto, com diversas sexualidades, pois ela é um processo natural.

É preciso contextualizar algumas definições a cerca da apropriação de identidade, visto que as construções humanas envolvem: desejos, vontades, querereres, valores e sentimentos. Para Hall:

A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo constantemente deslocadas (HALL apud HALL 2001. 12-13).

Entende-se que os sujeitos se constroem dentro da constituição identitária, cujo processo é através da mediação entre as relações sociais, ou seja, o sujeito se identifica e constrói suas identidades, através de seus valores e suas culturas. Podendo entender que os sujeitos são mutáveis. Godoy (1999) traz uma proposta nova sobre a (re) construção de um novo ser humano:

Olhar a si é tornar conhecimento do seu processo de identificação e de que a identidade é o produto de múltiplas origens (...). As origens são somente o início de um longo processo de trocas entre outros (...). Olhar a si é então olhar ao ser do outro e perceber este mesmo e particular processo em cada um. Cada um é também o outro, múltiplo e cada múltiplo, por sua vez, todos. Quando se percebe isso, ocorre uma abertura para o outro e, conseqüentemente, para si próprio (GODOY, 1999, p. 79).

As identidades dos indivíduos nas organizações são construídas a partir de elementos constitutivos das relações sociais e, acima de tudo, na interação humana, ao se compartilhar ideias, valores, regras, padrões, entre outros. É através do processo de reconstrução humana e dessas identidades múltiplas que o homem é um ser que pensa e sente paralelamente, ou seja, como produto de múltiplas origens o homem deve ter relações humanizadas e um espaço dotado de características humanas livres, conscientes e responsáveis pelo destino individual e social (GODOY, 1999).

Verifica-se que no âmbito, onde lecionei, em uma escola particular que atendia apenas na Educação Infantil, há indícios que a discriminação se institui a partir de hierarquias e desigualdades que derivam dos marcadores sociais da diferença. Indicam também que a representação do corpo e da identidade de professores (a) reproduz estereótipos do ser mulher, ser mãe, ser feminina. Para compreender os conceitos de identidade de gênero e orientação sexual, é

necessário desfazer alguns paradigmas que são decorrentes dos processos sociais (HALL, 2011).

Para Hall (2011) Há muito se vem estudando sobre o processo evolutivo e histórico da educação e verificam-se os mecanismos pautados em diferenças, discriminação e seletividades. Em meio às representações, a educação, em diversos momentos contribui para manter os padrões e práticas reprodutoras de ideologias de um determinado grupo social em detrimento a outro. Esse fato vislumbra os interesses das classes dominantes, onde há o abuso de ditar padrões, principalmente, em instituições como a família e a escola.

De acordo com Louro (2011), algumas mudanças se reproduziram no contexto escolar e a escola precisa ser instituída para atender a todos, principalmente, no tocante de gênero. Para tanto, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDBEN 9.394/96) garante que a educação é direito de todos e para todos. A prática docente tem acompanhado essas transformações.

Os reflexos dessa realidade é que na escola existe discriminação, preconceito e exclusão social, então por não serem atendidos muitos se sentem reprimidos e/ou excluídos, portanto, o que se percebe é que as professoras não estão preparadas para promover a educação na diversidade. Embora seja relevante o avanço no âmbito do respeito é preciso conscientizar muito mais (LOURO, 2011). Por exemplo, no âmbito escolar onde lecionei, não havia uma formação dos docentes a respeito das diversidades, muitas professoras educavam de maneira distinta e separatista.

3 CONSTRUÇÃO SOCIAL DA IDENTIDADE DE GÊNERO

A categoria de gênero revela historicamente muitos conceitos, propostos por diferentes opiniões. O tema estudado – gênero e sexualidade, pouco discutido pelo currículo escolar vêm sendo ensinado na escola com base em preconceitos, separatismos, discriminações e mitos (Laqueur, 1990). Conforme percebo na minha prática como educadora e como estudante, tanto na escola desde a Educação Infantil até o Ensino Médio e mesmo na universidade, no curso de formação docente, essa temática é pouco estudada, dificultando nossa atuação em sala de aula.

A visão crítica e dicotômica que a sociedade faz sobre identidade de gênero está relacionada aos fatores anatômicos e fisiológicos. As diferenças anatômicas entre os sexos são estritamente para separar o mundo “azul” do mundo “rosa” (SCOTT, 1995). Eu observava que desde a turma do maternal às professoras distinguiam as cores, mostrando para as crianças que a cor rosa é para menina e a cor azul para menino. Presenciei as professoras fazendo essa distinção, nas aulas, nas chamadas, nas filas separando sempre os meninos das meninas, disseminando a segregação e com o preconceito em relação à menina com trejeito de menino ou o menino com trejeito de menina e, também, para conceituar quem deve se sentir masculino ou feminina.

**Figura 1 – Imagem da turma no Maternal.
Meninas e meninos brincando separadamente**



Fonte: Acervo pessoal.

Como a turma que lecionava era do Pré II os meus alunos já chegavam à minha sala com essa distinção de cores, então preparei uma aula para trabalhar as cores. E comecei com uma indagação por que existem cores de menina e cores de menino? Menino não pode usar rosa e menina não pode usar azul? E as respostas foram: “porque era o certo”, “porque tem que ser assim”. E eu comecei a provocar neles: então por que a bolsa de Sthephanny é da Frozen e tem azul? Ou a toalha de Nicolas que tem detalhes rosa? Fui observando a sala e refletindo a finalidade das cores sobre os objetos deles. Depois perguntei a preferência da cor de cada um/a.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil - RCNEI (1998), mesmo que o ambiente escolar seja flexível quanto aos papéis

sociais, os estereótipos podem surgir nas crianças por meio do ambiente familiar, ou na própria interação com outras crianças. Então, fui explicando que não existiam cores para um ou para o outro, que as cores pertencem a todos. Para finalizar pedi-lhes que escolhessem uma cor de tinta guache e pintassem as mãos e colocassem-nas na cartolina branca para ficar bem colorido. Depois deixei exposto na sala, para todos os dias quando olhassem eles lembrassem que as cores são para todos. O cartaz ficou durante todo o ano na sala. Com o tempo eles foram compreendendo e já pintavam com todas as cores e não falavam mais que existiam cores de meninas ou meninos.

Figura 2 e 3 – Trabalhando as cores



Fonte: Acervo pessoal.



Fonte: Acervo pessoal.

Segundo Scott (1995), é importante ter um rompimento da visão binária e padronizada (dois sexos e dois gêneros), aqui já mencionados. E como é de suma importância à intervenção pedagógica diante das relações de poder no ambiente escolar, principalmente, sob a ótica lúdica, como fiz na minha didática, trabalhando a diversidade e respeitando a especificidades de cada aluno (a).

Para Louro (1997, 2000), é preciso problematizar os conceitos de gênero e sexualidade que são apresentados no contexto escolar por meio de um processo de desconstrução que perpassa acerca do questionamento da identidade dos sujeitos e suas relações de poder.

Ao refletir sobre a formação de identidade de sujeitos no que se refere o ambiente escolar e suas trocas de saberes, pode-se considerar que a ação e intervenção pedagógica são caracterizadas por uma “repreensão simbólica” que tem

como meta problematizar certas imposições impregnadas e estabelecidas como uma cultura legítima (LOURO, 2000).

Foucault (1987) afirma que o poder está presente em todos os lugares. Por essa razão, não faz sentido centralizar o poder como mecanismo de favorecer uma única possibilidade. O aparecimento de saberes a partir de possibilidades externas que levam a conduzir a um modo diferente de pensar essas possibilidades e quais são as peças de relações de poder.

Foucault (1987) demonstra que não existe uma teoria geral do poder, pois este não possui característica universal, ou seja, não existe algo unitário e absoluto. Pelo contrário, para o mundo ser igualitário não é necessário que as pessoas sejam iguais, ou pensem da mesma forma, precisa sim, de pessoas com direitos iguais por serem diferentes (FOUCAULT, 1987).

Em uma perspectiva complementar, Louro (1997) destaca que a visão binária da sociedade faz com que uma nova construção social na infância aponte para um novo modelo de estudos a respeito da identidade de gênero. Complementa ainda que as crianças e suas relações socioculturais devem ser estudadas e pesquisadas como componentes da cultura e da sociedade.

Louro (1997) se posiciona em favor dos conceitos de gênero no plural. Em um de seus artigos a autora interage numa leitura histórica da educação sob a perspectiva de gênero, e afirma que, em certas situações, quando os docentes impõem regras sobre igualdade de gênero o caminho se torna mais desafiador e se percebe certa resistência no ambiente escolar. Observei essa resistência na escola, as professoras preferindo silenciar ao discutir, pois algumas ainda desconhecem sobre o tema.

De acordo com Louro (1997), o gênero trata-se de uma construção social e histórica de sujeitos femininos e masculinos. Desse modo, há a pluralidade na contextualização dessa categoria já que existem diferentes construções de gênero em uma mesma sociedade, alternando de acordo com o contexto histórico do progresso da humanidade.

Faria (2006) afirma que a questão de gênero na pesquisa educacional é um tema pouco explorado. É provável que a partir de novas explorações produzam um novo conceito dentro do ambiente escolar. De acordo com Scott (1995), o termo gênero foi proposto por mulheres que buscavam quebrar alguns paradigmas

preestabelecidos e como forma de protesto utilizou-se abordagem científica e não científica sobre gênero feminino.

Scott (1995) Traz à tona o entendimento de que o gênero é determinado apenas simbolicamente e materialmente, por vários motivos: por questões religiosas, pelas questões educacionais, pelas questões jurídicas, por normas, dentre outros. Pode-se desse modo, analisar essa categoria por viés dos estudos balizados da referida autora, como uma categoria que envolve intensas relações de poder.

Para Guacira Louro (1997), ainda que, os estudos de gêneros continuem tendo como escopo as análises sobre as mulheres, eles estarão agora, de forma mais explícita, referindo-se também aos homens:

[...], pois na medida em que o conceito afirma o caráter social do feminino e do masculino, obriga aqueles/as que o empregam a levar em consideração as distintas sociedades e os distintos momentos históricos de que estão tratando. Afasta-se (ou tem a intenção de afastar) proposições essencialistas sobre os gêneros; a ótica está dirigida para um processo, para uma construção, e não para algo que existia a priori. O conceito passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos. Observa-se que as concepções de gêneros diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem. (LOURO, 1997, p. 22-3).

Assim, a questão de gênero no Brasil, se torna mais visível e ganha mais expressividade através do movimento feminista contemporâneo em meados da década de 70. Movimento este, que esteve coadunado a outros movimentos sociais, em meio a estas atuações feministas começa-se a aparecer o termo gênero para ampliar o leque de discussões que divergiam os pensamentos inquietos das mulheres.

Para Louro (1997), a repetição diária de alguns comportamentos vai regulando cada dia os corpos que por sua vez são representados por certos controles, portanto, é preciso abrir o leque de discussões e ter um olhar de desnaturalização por partes dos docentes. Ao passo que, ao pensar em contexto social não se pode pensar em definições hegemônicas, aliás, é preciso que se estabeleça e aprenda que existe diferença entre os seres humanos e todos merecem respeito, independente de suas escolhas.

É por isso, que vemos a escola como grande eixo central para discutir tais temáticas ligada ao gênero e sexualidade e, acima de tudo, provocar mudanças em

prol de uma sociedade livre, justa, igualitária e solidária. Mas para isso boa parte desse percurso está nas mãos do (a) professor (a), das equipes pedagógicas, do corpo escolar. Enfim, a importância de se pensar em meio a tais questões se efetivam no caminho da não discriminação e não preconceito, e sim, do respeito à diversidade.

4 AFIRMAÇÃO DE IDENTIDADE PARA ALÉM DA QUESTÃO HOMEM-MULHER SOB A ÓTICA LÚDICA

Os estudos sobre gênero devem considerar as relações de poder entre mulheres e homens, bem como as diversas formas sociais e culturais que vão sendo construídos os sujeitos. Então, a partir do gênero pode-se perceber a organização concreta e simbólica da vida social e as conexões de poder nas relações entre os sexos; o seu estudo além de decodificar e compreender as relações complexas produz uma forma diversificada de relações humanas (SCOTT, 1995).

Foucault (2004, p.126) afirma categoricamente, “em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõe limitações, proibições ou obrigações.” Foucault (2004) complementa que a construção do gênero se preocupa com a consolidação de um discurso que constrói uma identidade do feminino e do masculino que encurrala meninos e meninas em seus limites. Precensiei isso por parte da gestora e das professoras limitando as meninas em atividades ditas para os meninos, justificando que as meninas são mais delicadas e precisa ter mais cuidado, separavam as crianças e falavam que os meninos não podiam brincar de boneca e as meninas não podiam brincar de bola. Então, quando eles chegavam à minha turma já vinha carregando consigo essa distinção do brincar, das brincadeiras.

Este poder de caráter coercitivo e imposto pela sociedade é preestabelecido na história através “de origens diferentes, de localizações esparsas, que se recorda, se repelem, ou se imitam, apoiam-se uns sobre os outros, distinguem-se segundo seu campo de aplicação, entram em convergência e esboçam aos poucos a fachada de um método geral” (Ibid, p. 127).

Sob o ponto de vista da lógica ocidental tradicional a visão sobre gênero é dicotômica: masculino x feminino, macho x fêmea ou homem x mulher. O ser humano ao nascer já vem determinado pelas suas características biológicas que o

enquadra do sexo masculino ou feminino. O sexo é definido biologicamente, tomando como base a genitália, cromossomos, hormônios, etc. (SCOTT, 1995).

No entanto, o sexo não determina por si só, a identidade de gênero ou a orientação sexual de uma pessoa. A orientação sexual, por exemplo, condiz com a atração sexual que sentimos por outras pessoas e, geralmente, envolve questões sentimentais, e não somente sexuais. Muito embora, saibamos que a definição do que é ser “homem” ou “mulher” tenha surgido a partir de uma divisão meramente biológica. Mas como questionar dentro do espaço escolar que o indivíduo pode ter outras identidades. As identidades são características primordiais da experiência humana (SCOTT, 1995).

O papel da escola contribui muito para a construção do sujeito dentro dos mais variados espaços sociais. Assim, essa identidade refere-se ao fenômeno social e não simplesmente biológico (PETERS, 2004). No entanto, gênero não se destaca apenas nas brincadeiras, como também em brinquedos. Como pude perceber nas relações entre os (as) alunos (as) onde só os meninos podem dirigir o carro, fazendo com que os mesmos se sintam superiores. Para Scott (1995, p. 14) “[...] um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder”.

Dessa forma, o estudo contribui para a importância da intervenção pedagógica com discussões entre docentes para que seja repensado o gênero em um contexto sócio-histórico e o que produz essas relações.

Não há dúvidas que a estereotipia de identidade de gênero irá continuar, mas precisamos dar mais visibilidade para as novas discussões, justamente “através do uso da linguagem construímos nossas várias identidades sociais no discurso e essas identidades afetam os significados que construímos na sociedade” (LOPES, 2001, p.326).

Então, aos poucos fui inserindo as meninas nas brincadeiras onde os meninos estavam e vice-versa. Promovi um time de futebol com dois grupos misturados. Primeiramente eles estranharam, mas logo em seguida se divertiram e no final pediram para que outro dia brincassem novamente, então sempre que eu fazia brincadeiras com eles misturados, o sexo feminino e o sexo masculino. Fazia muita competição em sala de aula e os grupos sempre misturados.

De acordo com o RCNEI (BRASIL, 1998, p. 41- 42).

No que concerne à identidade de gênero, a atitude básica é transmitir, por meio de ações e encaminhamentos, valores de igualdade e respeito entre as pessoas de sexos diferentes e permitir que as crianças brinquem com as possibilidades relacionadas tanto ao papel de homem como ao da mulher. Isso exige uma atenção constante por parte do professor [e professora], para que não sejam reproduzidos, nas relações com as crianças, padrões estereotipados quanto ao papel do homem e da mulher...

Enquanto educadora sempre foi muito claro a importância do meu papel na sala de aula para trabalhar as questões de gênero. Na escola onde trabalhei, era a única que compreendia sobre identidade de gênero; as outras professoras não tinham conhecimento e não entendiam a importância que tínhamos na formação daquelas crianças na compreensão da igualdade de gênero.

Para Peters (2000), distinguir os espaços sociais destinados aos homens e mulheres é uma marca de toda estrutura social, que regula o corpo e constrói as ideias de feminino e masculino. Por várias vezes presenciei professoras constringendo os alunos por escolherem brinquedos e brincadeiras ditas de meninas estabelecendo regras que meninos e meninas devem seguir. É preciso que se aceite naturalmente a escolha dos brinquedos, das cores, das formas, das brincadeiras, das atividades, dos desenhos, das produções literárias, sem que isso venha afetar a honra da criança dentro do âmbito escolar. Este trabalho, a priori, traz positivos resultados, porque define bem as relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na pré-escola.

Marina Ferreira (2015, p. 11) esclarece:

Muitos discursos traziam a ideia de que a desigualdade entre homens e mulheres se justificaria pelas diferentes características biológicas de cada sexo, ou seja, se afirmava e concluía que era a partir da distinção sexual que se determinavam os papéis sociais de cada um, apontando o que é próprio do feminino e do masculino, sem que houvesse, em contrapartida, reflexões a respeito da maneira como esses papéis são representados, valorizados e, especialmente, construídos na sociedade.

Não se trata de comportamentos naturais do ser humano, e sim de regras e condutas que vão sendo impostas às pessoas a partir do nascimento. Portanto, o momento mais marcante da infância são as brincadeiras, é a partir daí que as crianças criam laços afetivos e constroem memórias. No ambiente escolar esses laços, às vezes, são interrompidos devido à falta de interação, uma vez que é possível perceber as desigualdades no espaço das brincadeiras. Este universo mágico e de muitas significações permite que as crianças se descubram.

Para Rocha (2002), é na infância que as crianças conseguem elaborar ideias do mundo real e do mundo ideal. E quais valores são preestabelecidos diante das relações sociais de sexo no meio onde atuam. As crianças são protagonistas da própria realidade, mas existe por trás uma delegação de deveres. Esses deveres se revestem de delimitações e restrições. Portanto, quando estão brincando em grupo, elas percebem que têm um papel social diferente um do outro e gêneros distintos, principalmente, quando expressam e deixam aflorar suas representações “sígnicas”.

Os brinquedos representam elementos de práticas sociais, assim como ideologias e sistemas de valores e sistemas sociais. São tanto objetos para serem manipulados quanto objetos para serem lidos como textos, e, como tal, podem servir a uma análise crítica como base no gênero (PETERS, 200, p. 37).

Os brinquedos são considerados elementos utilizados para a produção de gênero, uma vez que são utilizados “ativamente na construção de processos identitários dos sujeitos infantis” (BUJES, 2004, p.206). Fica muito evidente como a escola e a família fazem tudo para garantir determinados padrões, antes mesmo das crianças fazerem suas escolhas já são impostas determinadas brincadeiras. Logo, os brinquedos no espectro de sua dimensão estão impregnados de produção e imposição de significados, ou seja, a cultura está submissa de relações de poder que pretendem conduzir o processo lúdico de representação (BUJES, 2004). Para Bujes (2004, p. 211):

É, portanto, a cultura que nos permite dar significado ao objeto brinquedo, atribuir-lhe um sentido. E a construção do seu significado se faz no âmbito das práticas discursivas, da linguagem. As representações de brinquedo, preexistentes, num determinado universo cultural terão, portanto, sobre crianças e adultos um forte papel modulador nos significados que estes mesmos sujeitos passam a atribuir a tais objetos.

Portanto, os brinquedos estão mergulhados ao universo cultural que está associado às relações sociais, culturais e de poder, e serão alvos de análises representativas de valores, que de certa forma, ou de outra, acabam dando espaço para serem formadoras de gênero. Entretanto, os brinquedos são transformadores e estão relacionados aos conteúdos simbólicos daquilo que são representados por eles mesmos ou pela sociedade.

Na minha experiência, o mais difícil foi eles compreenderem a questão dos brinquedos e do brincar. Toda sexta feira eu fazia o ‘Dia do Brinquedo’, eles traziam os brinquedos e eu os deixava à vontade para brincar; fui observando que os alunos

- automaticamente se separavam em grupos - os meninos com: carros, bonecos de super-herói e as meninas com bonecas: laptop, conjunto de panela, etc.

Figura 4 – Depois de algumas intervenções que fiz em relação aos brinquedos, os meninos já compreendiam que poderiam brincar de panelinha.



Foto: Acervo pessoal.

Bujes (2004, p. 206), entende que “(...) o brinquedo e de forma correlata as brincadeiras, enquanto manifestação de cultura vivida está envolvida no processo de produção e imposição de significados. Isto significa dizer que a cultura, está eivada de relações de poder que pretendem conduzir o processo de representação”.

Dessa forma, Veiga Neto (2004, p. 40) relaciona o brinquedo, enquanto artefato cultural, em uma forma que “está imbricada indissolavelmente com relações de poder”. Ou seja, os brinquedos estão imersos num universo cultural de relações sociais e de poder, e que, de uma forma, ou de outra, acabam sendo formadores e modeladores de gênero. Como por exemplo, os brinquedos que são levados para a escola. As meninas sempre levam bonecas e conjunto de cozinha, de certa forma impondo que o papel das meninas é cuidar da família e da casa. Enquanto os meninos levam carros e brincadeiras com bolas. Determinando o espaço do lar para as mulheres e da rua para os homens.

Segundo o RECNEI (1998) o professor deve constantemente está atento para não reproduzir nas relações com as crianças às formas estereotipadas, ou estabelecer certo tipo de padrões, quanto ao papel do homem e da mulher, como por exemplo, cabe à mulher cuidar dos filhos e ao marido o sustento da família, e que mulher chora e o homem não chora.

Nesse ínterim, os brinquedos e as brincadeiras são veículos de acesso à informação da norma vigente na sociedade, o brinquedo tem uma função social e está impregnado de traços e significados que são construídos através de variações históricas e culturais, visando os disciplinares dos corpos para desempenhar papéis “desejáveis” (BROUGÉRE, 1995).

Por isso, entende-se que falar de gênero é romper com as dicotomias homem x mulher e menino x menina. Ou seja, falar de gênero é saber distinguir que existem diferentes pessoas dentro dos mais variados espaços sociais. É preciso discutir estereótipos e clichês de masculinidade e feminilidade. Visto que os docentes devem procurar estratégias para serem utilizadas e fazer do espaço escolar uma construção de sujeitos livres de preconceito.

5 O DESAFIO DA DOCÊNCIA NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE DE GÊNERO

O cenário da sociedade brasileira, até o momento, marcado por ideologias masculinas, sofre alterações a partir de alguns questionamentos e incômodo de algumas mulheres. Dando assim, espaço para democratização social, fruto de muitas lutas e transformações. Nessa perspectiva, as mulheres aos poucos ganham uma nova identidade e ocupam seus espaços, surgindo assim, dentre outras coisas identidades de gêneros (TEIXEIRA & MAGNA BOSCO, 2010).

O processo histórico e transformador da educação brasileira bebe da fonte das ideologias conquistadas pelas mulheres, porque se sabe que no âmbito escolar há um tripé incorporado por práticas reprodutoras de ideologias de um determinado grupo social, que são: discriminação, diferenças e seletividade. Esse fato se concretiza quando a sociedade ignora e prefere ser omissa. Com essas atitudes a sociedade cada vez mais vai engendrando para o comportamento machista perpetuando, assim, o processo discriminatório (HALL, 2011). Eu observava que as docentes, colegas de trabalho, não tinham a consciência de que estavam propagando um preconceito velado, formando homens machistas e mulheres inseguras.

O (a) educador (a) é um (a) formador (a) de opinião e não pode em hipótese alguma ficar alheio a nenhum tipo de preconceito, o respeito à diversidade é uma

conquista, em especial para aqueles que sempre se sentiram marginalizados pela sociedade. Portanto, é através no processo de ensino- aprendizagem e respeito que suas práticas educativas podem promover mudanças. Sabe-se que muitos são os desafios dos docentes no processo de construção de identidade de gênero na sala de aula, mas identificar as relações de poder no contexto escolar será primordial (HALL, 2011). Por isso, a importância dos (as) educadores (as) se informarem mais sobre essa questão e não ficar alheio (a) como observava algumas professoras, que preferiram não se expor.

A identidade se constrói de maneira transformadora e contínua ao passo que haja interação entre os indivíduos num mesmo núcleo social. Logo, não pode ser vista por um processo absoluto e definitivo, muito embora, universal. Uma vez que cada núcleo dessa interação possui suas próprias características, sua maneira de pensar, de ser, definidas a partir da realidade social deles (HALL, 2001; SCOZ, 2011). Mesmo que eu explicasse as professoras sobre gênero e que falasse abertamente sobre o nosso papel dentro do espaço escolar, ou que eu mostrasse que a melhor forma seria trabalhar com as famílias para que também compreendessem que as cores não influenciariam em nada na sexualidade dos filhos/as, eu percebia que era difícil elas mudarem.

O fato de a escola ser um espaço dinâmico, de encontros e de diversidade, tornou a tarefa de educar ainda mais desafiador mediante esse processo de transformação na sociedade moderna, pois, aquilo que antes seguia padrões pré-conduzidos, pré-estabelecidos, passa a ganhar outras formas e a interagir com outras realidades, outras mentalidades, impactando, acima de tudo, os (as) educadores (as), que já estavam habituados a conviver com certos padrões ditos como corretos e absolutos (PIMENTA, 1997). Diante disso, a necessidade do professor/a está sempre se renovando, buscando novas experiências, observava que faltava conhecimento e desinteresse de se aprimorar no assunto.

Para Pimenta (1997), os (as) professores (as) ficam deslocados (as) com tantas transformações e assimilam aos poucos o que vem sendo processado hodiernamente, ou seja, o trabalho do professor (a) na sociedade contemporânea torna-se cada vez mais imprescindível, porém, mais exigente. Por isso, faz repensar o processo do trabalho que o professor/a vem conduzindo. Diante dessa realidade o educador (a) é a chave primordial para identificar estratégias para se adaptar a nova configuração social que está imerso.

(...) a educação ainda continua gerando padrões de comportamento tendo como referência um sistema educacional que não leva o indivíduo a aprender a pensar para solucionar problemas, a questionar para compreender melhor, preferindo aceitar passivamente a autoridade e a ter “plena certeza” das coisas (ENRICONE; GRILO, 2005, p. 26).

No Brasil, por possuir culturas diversas e mesmo que a educação ainda represente um instrumento que auxilia no interesse das minorias, ela dá o meio de mostrar que através de lutas sociais é possível perceber uma ascensão “acanhada” por partes daqueles que lutam contra preconceitos, e o papel do (a) educador (a) é formar cidadãos, capazes de refletir acerca do processo de construção social.

Portanto, deve encontrar mecanismos que supere a visão esmagadora que há muito tempo vem alienando gerações pela falta de criticidade. Embora eu trabalhasse em uma escola extremamente tradicional onde às minhas ideias não eram aceitas, talvez por ignorância, falta de conhecimento; eu insistia incansavelmente. Porque sabia da importância dessas questões relacionadas à identidade de gênero.

Na Páscoa questioneei: não vamos fazer acepção de cores, iremos trabalhar com uma única cor ou trabalharemos com cores variadas e dar aleatoriamente para cada um? E a minha ideia não foi aceita. As professoras justificaram que se um menino pegasse à lembrancinha rosa o pai iria achar ruim, pois estaríamos chamando o filho de “gay”, ou seja, é claro como ainda confundem as questões de gênero com sexualidade.

As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Têm a ver não tanto com as questões “quem nós somos”, ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios” (HALL, 2000, p.108).

Figura 5 – Comemorando a Páscoa. Distinguindo o rosa para meninas e o azul para os meninos.



Foto: Acervo pessoal.

Em sala de aula eu tinha a minha autonomia. Primeiramente, comecei a observar como as cores eram usadas por eles, sempre os deixei livres para que eles pudessem escolher qualquer cor independente do desenho. Observava, principalmente, que os meninos não usavam o rosa, lilás ou roxo.

Figura 6 – A imagem já mostra que o menino não faz mais distinção das cores e pinta com as cores rosa, lilás e o roxo.



Foto: Acervo pessoal.

No Brasil há parâmetros que apontam o melhor trato sobre as questões sexuais. A Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência, e a Cultura (UNESCO) ampliaram o leque de discussões a respeito de temas associados à

sexualidade e diversidade de gênero. Observando a prática da escola e, acima de tudo, como o (a) professor (a) se comporta diante dessas novas representações sociais, Louro (2010) faz uma ressalva:

Talvez seja mais produtivo para nós, educadores e educadoras, deixar de considerar toda essa diversidade de sujeitos e de práticas como um “problema” e passá-la a pensar como constituinte do nosso tempo. Um tempo em que a diversidade não funciona mais como base na lógica da oposição e da exclusão binárias, mas, em vez disso, supõe uma lógica mais complexa (LOURO, 2010, p. 51, grifo nosso).

Em suma, as leis, as emendas, os decretos, as formações continuadas são de suma importância para o papel de igualdade sexual e diversidade sexual no Brasil. O espírito crítico deve prevalecer na atuação do (a) professor/a dentro e fora da sala de aula. E essa prática pode fazer toda a diferença na realidade social, porque eles estão construindo seres inteligentes dotados de uma nova visão. Por isso, construíamos uma prática pedagógica que promovia transformações no sentido de igualdade de gênero a partir do respeito às diferenças e empatia com o (a) outro (a).

O Plano Nacional da Educação (PNE), de 2014 (Lei 10.172), embora tenha nascido de um contexto mobilizador, foi conservador e acanhado no que se refere a temas como sexualidade, orientação sexual e diversidade de gênero.

Não resta dúvida, que, é preciso considerar todo o progresso educativo dentro da sala de aula e a experiência escolar é fundamental para que tais conceitos articulem ao longo do processo que os corpos estão passando por transformações, onde se aprende e se tem noção de corpo, sexualidade e gênero. Experiência que deve ter como alvo: a criticidade na formação de identidade de cada indivíduo, e é imprescindível para atuar como instrumentos para o reconhecimento do outro e a emancipação de ambos (SILVA, 1996).

Pessoas que possam refletir sobre o acesso de todos/as à cidadania e compreender que, dentro dos limites da ética e dos direitos humanos, as diferenças devem ser respeitadas e promovidas e não utilizadas como critérios de exclusão social e política (CARRARA, 2009, p. 15).

A sociedade está em constante processo de mudança, onde esse fluxo contínuo produz a cada geração novas ideias, novas identidades, novas ideologias, novas ressignificações, novos valores e novas práticas sociais.

Para Sérgio Carrara (2009), a importância de se discutir a educação escolar nos variados espaços sociais, a partir de uma visão crítica que traga à tona a visão do aluno/a, nos discursos que trazem a identidade de gênero e sexualidade, nos

discursos homofóbicos, misóginos[†] ou sexistas ou racistas, possibilitará um acesso favorável na desconstrução de um contexto histórico patriarcal, heteronormativo e branco.

É necessário que o professor (a) compreenda a reponsabilidade de combater as praticas discriminatórias no ambiente escolar, por isso não fazia menino contra menina, e no dia a dia (em sala de aula) as questões de gênero eram presentes, desde os questionamentos se as mães deles trabalhavam fora ou se os pais ajudavam em casa nos serviços domésticos. Qual o pai que cozinhava, qual o pai que ajudava a mãe a cuidar deles, sempre tentando de forma, ou de outra, que eles compreendessem que a sociedade precisava entender a igualdade de gênero. Que por hipótese nenhuma os homens são melhores em alguma coisa ou as mulheres em outra. Que um menino pode sim, sonhar em ser cozinheiro quando crescer, ou bailarino, e a menina ser uma policial ou bombeira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões possibilitaram uma proposta de desconstrução de alguns paradigmas sobre gênero adotando como escopo a desigualdade entre meninos e meninas. Tomando-se por base as diferenças biológicas em processo de reconhecimento da representação de identidades femininas e masculinas como construções carregadas de poder, principalmente, nas questões das brincadeiras no ambiente escolar, como foi constatado por partes de algumas professoras com praticas discriminatórias.

Face ao desenvolvimento do trabalho, o que se percebe é que diante da minha prática como educadora pude enxergar a possibilidade de puxar novos fios para tecer novos campos de discussão, visto que, a sociedade tem passado por profundas mudanças, entretanto, há um longo caminho a ser percorrido para que o homem e a mulher sejam percebidos de forma igualitária pelo social, cultural e por eles mesmos.

[†] Preconceito e discriminação baseados no sexo, geralmente dirigidos às mulheres. Nesse caso, se confunde com a misoginia, modalidade mais comum de sexismo: repulsa pelo que diz respeito ao feminino (Dortier, 2006).

Há uma urgência na desconstrução de estereótipos que envolvem a semântica do que é ser feminino ou masculino. Portanto “tomando os corpos dos indivíduos como alvos e pontos de aplicação, investindo-os e produzindo-os conforme uma ordem moral, social, política, produtiva e normativa capitalista burguesa” (PRADO FILHO; TRISOTTO, 2008, p. 117).

É de suma importância e responsabilidade que o (a) professor (a) tem de eliminar qualquer tipo de estereótipos, para que o (a) aluno (a) possa compreender que cada um (uma) tem sua especificidade e precisa ser respeitada, e assim, contribuir para a construção de uma sociedade mais igualitária. A intervenção pedagógica propicia uma ruptura com alguns paradigmas acerca da identidade de gênero.

As identidades de gênero são constituídas pelas práticas pedagógicas através de várias ações, como por exemplo, por meio de ações, atividades, festas, brincadeiras que são planejadas e desenvolvidas com intuito de interação. Ou seja, na educação infantil há várias maneiras de perceber que alguns trabalhos são voltados para cada vez mais regular as identidades das crianças.

É nessa perspectiva, que evidenciamos uma intervenção docente de ampliação e (re) construção de alguns conceitos sobre gênero, que sugere a abertura de uma nova linguagem e outras possibilidades de ver, interagir, enxergar, discernir, ser, pensar e agir, não restrita e legitimada aos padrões determinados socialmente. Abertura válida tanto para si mesmo como para os seus alunos.

Não obstante, há um passo importante para que temas ligados ao gênero se desenvolvam, primeiro passo é perceber que a escola não é neutra. Ela participa da construção de identidade de gênero. O ensino acerca do “novo” tema não implica em somente transmitir de qualquer forma, mas precisamos refletir, como professores (as), nossas arbitrariedades. Daí a suma importância de interrogar, questionar, indagar, problematizar e tomar consciência dos efeitos das práticas sociais que ao selecionarem conteúdos, brincadeiras, atividades, ações e pensamentos como verdades únicas podem silenciar outras maneiras de ser, sentir, interagir e pensar.

As práticas e condutas em sala de aula são regidas por inúmeros equívocos e distorções referentes ao gênero, desse modo percebe que vem se legitimando e naturalizando a hegemonia do discurso aguçado do masculino. Por isso, é necessário pensar em intervenções que desestremem e/ou desestabilizem os padrões que privilegiam o ponto de vista masculino.

A escola é uma instituição onde não pode apenas transmitir conhecimentos. Ela produz identidades de gêneros, classe, sexualidade, dentre outros. As identidades são construídas através das intervenções docentes. Agindo em práticas discursivas e atribuindo aos discentes uma maneira que os levem a reflexão.

Portanto, o papel de docentes da Educação Infantil é de suma importância para fazer essas inferências e questionamentos. É na Educação Infantil que as identidades são construídas, por isso da importância de legitimar esse compromisso que os estimulem a compreensão e o respeito da diversidade humana. O trabalho pedagógico na Educação Infantil muitas vezes vai de encontro com a democracia buscando assim definir identidades fixas.

Por outro lado, sem a interação dos (as) docentes e alunos (as) impossibilita qualquer tipo de crescimento tanto no lado social, quanto no lado afetivo. As crianças, na escola, muitas vezes ficam expostas a modelos de identidades padronizadas. Por fim, a escola, como instituição que transmite e reproduz valores e comportamentos considerados propícios, forma sujeitos masculinos e femininos, por meio de suas práticas sociais.

Nesse processo de formação os sujeitos podem tornar-se, transformadores da realidade social, por isso, é preciso que se aprenda desde cedo que na Educação Infantil e em quaisquer esferas da vida não há separatismos ou rótulos, mas, que cada um tem seu lugar, seu tempo e seu espaço para evolução.

ABSTRACT: This article proposes to analyze how the theme of Gender and Sexuality has been approached in Early Childhood Education, based on the report of my experience, developed in a private school, located in the city of Alagoa Grande / PB, . The class that taught was Pre II (students between 5 and 6 years) in the year 2016. From my memories of what I observed and developed in the classroom, I will try to reflect on the conflicts and differentiations of children's games who settled in the school community. The discussion will bring some concepts about gender, sexuality, identity and the social construction of gender identity to a better understanding about the theme and its importance to break down some paradigms that permeate the school everyday. We will address the importance of the insertion of gender and sexuality in the training of teachers, bringing my experiences from day to day in school. For, it is perceived that before the socio-historical context it is

necessary to rethink what produces certain power relations and how these relations influence the construction of the gender identities. Therefore, it is of the utmost importance and responsibility for the teacher to rethink his / her practice, in the sense of eliminating any kind of stereotypes, in order for the student to understand that each one has its own specificity and needs to be respected , thus contributing to a more egalitarian society.

Keywords: Gender identity. Child education. Just kidding.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília, MEC/SEF, 1998. V. 02.

BROUGÈRE, G. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 1995.

BUJES, M. **Crianças e brinquedo: Feitos um para o outro?** In: COSTA, M. (Org.) Estudos Culturais em Educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, p. 205-228, 2004.

CARRARA, Sérgio; RAMOS, Silvia, **Política, direitos, violência e homossexualidade**. Pesquisa 9ª. Parada do Orgulho LGBT. Rio 2004. Rio de Janeiro, CEPESC, 2009.

CAZARIN, E. **O enunciado “eu não tenho medo da mudança” e sua relação com a memória do dizer**. Investigações. Recife, v.18, p 227-243, jul., 2005.

ENRICONE, D.; GRILO, M.. (Org.). **Educação Superior: vivências e visão de futuro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. **Pequena infância, educação e gênero: subsídios para um estado de arte**. Cadernos Pagu (26), Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu/Unicamp, pp.279-288, 2006.

FERREIRA, M, S (2015). **Sobre princesas e heróis: questões de gênero na publicidade de artigos infantis**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. Goiás: 2015.

FOCAULT, M. (1998). **História da Sexualidade 2. O Uso dos Prazeres**. M. T. C. Albuquerque (trad.). Rio de Janeiro. Edições Graal.

_____. Vigiar e punir: história da violência nas prisões. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

GALVÃO, I. Henri Wallon: **uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. 17 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

GODOY, Ana Boff de. **Identidade criouliada: a (re) construção de um novo homem**. In: BERND, Zilá; LOPES, Cícero Galeno. Identidades e estéticas compósitas. Centro Universitário La Salle. Programa de Pós-Graduação em Letras/UFRGS. Porto Alegre: 1989.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomás Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LAQUEUR, T. W. (2001). **Inventando o Sexo. Corpo e gênero dos gregos a Freud**. V. Whately (trad.). Rio de Janeiro: Relume Dumará.

LOPES, L. P. M. (2001). Práticas narrativas como espaço de construção das identidades sociais: uma abordagem socioconstrucionista. **Narrativa, identidade e clínica** (pp. 56-71). Rio de Janeiro: Edições IPUB/CUCA.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 12 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

----- **Quem são os meninos que fracassam na escola?**. Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas, v. 34, n.121, jan./abr. 2004. O corpo educado: pedagogias da sexualidade / Guacira Lopes Louro (organizadora); tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva – 3. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000.

_____. **O corpo educado: Pedagogia da sexualidade**. 2ª Edição Autêntica. Belo Horizonte 2000

MANGOLD, Maritânia; et. al. **Sexualidade na Infância**. 2008. Disponível em:

<http://www.pesquisa.uncnet.br/pdf/educaçãoinfantil/sexualidade_infantil.pdf>.

Acesso em: 29/11/2017.

MEYER, D.; SOARES, R.. **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2008.

PETERS, M. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença: uma introdução**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PIMENTA, S. G.. **Formação de professores** – saberes da docência e identidade do professor. Nuances, v. 3, Set., São Paulo, 1997, p. 5-14.

ROCHA, Rita de Cássia Luiz da. **História da infância: reflexões acerca de algumas concepções concretas**. In: *Analecta* – Guarapuava, Paraná. V.3; n. 2, p. 51-63; jul/dez. 2002.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade.** Porto Alegre, Vozes, v. 16, n. 2, jul/dez de 1990.

SCOZ, B. J. L.. **Identidade e subjetividade de professores:** sentidos do aprender e do ensinar. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

SILVA, T. **Documentos de Identidade: uma Introdução às Teorias do Currículo.** Belo Horizonte: Autêntica, 1996.

SILVA, Aínda Maria Monteiro; TAVARES, Celma. **Políticas e fundamentos da educação em direitos humanos.** São Paulo: Cortez, 2010.

TEIXEIRA, C. M.; MAGNABOSCO, M. M.. **Gênero e diversidade:** formação de educadoras/es. Ouro Preto, MG: UFPO, 2010.

VEIGA-NETO, A. **Michel Foucault e os Estudos Culturais.** In COSTA, M. (Org.). Estudos Culturais em Educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, p. 37-69, 2004. VERÍSSIMO, L. F. O analista de Bagé. Rio de Janeiro: Objetiva. 2002.

WEEKS, J. **El malestar de la sexualidad.** Significados, mitos y sexualidades modernas. Madrid: Talasa, 1993.

ANEXO A –

